

Trotsky e a Espontaneidade*

Yvon Bourdet

Por “espontaneidade de massas” não entendemos nem “caos”, nem “efervescência informe”. [...]. Sendo a revolução um movimento, ela tinha necessariamente uma direção^A. Mas não é desta autodireção que Trotsky fala: para ele a *direção* supõe uma *separação* entre dirigentes e dirigidos^B.

[...]. Conclui Trotsky: “esses anônimos, rudes políticos de fábrica e de rua não caíram do céu; devem ter sido educados”. [...]. Ele crê bastar, para que sua hipótese seja aceita, que tenhamos a obrigação de escolher entre ela e outra hipótese ridícula. Os rudes políticos são *rudes*, de fato, já que faziam a revolução, à revelia, na verdade contra o conselho dos chefes, não caíram do céu, *portanto*, haviam sido educados.

Um dilema só é constrangedor se não tiver uma terceira via. Ora, esses homens podiam ter-se formado sozinhos em contato com as realidades em meios às quais

* Trecho do livro “*Communisme et Marxisme*”, Paris: Michel Brient, 1963.

^A Aqui o uso dos termos “direção”, “chefes”, “massas”, etc. são num sentido radicalmente distinto do que se usa tanto na tradição pseudomarxista (social-democrata e bolchevista) quanto na linguagem burocrática cotidiana. Infelizmente, Bourdet, como a grande maioria dos marxistas autênticos, geralmente caem em uma imprecisão conceitual, o que às vezes é resolvido com as aspas, outras vezes com acréscimos (como em Pannekoek, ao usar “socialismo”, para o que é autêntico, e “socialismo de estado”, para o inautêntico, o capitalismo estatal). Essa imprecisão conceitual permite a deformação e assimilação do pensamento revolucionário pelo pensamento contrarrevolucionário. A solução para esse tipo de imprecisão é a elaboração de novos termos e conceitos. Por exemplo, ao invés de “direção”, poderia ter colocado “organização” e ao invés de “dirigente”, poderia ter colocado “organizador” e assim os termos direção e dirigente manteria seu significado original e evitaria confusões e possíveis deformações.

^B O conceito de direção aponta exatamente para a distinção, que não é apenas uma separação, entre dirigentes e dirigidos. A direção é um relação social e só existe havendo dirigentes e dirigidos e tal relação é uma separação e, mais que isso, um processo no qual alguns detém o poder de decisão e os outros são executantes. Bourdet ao invés de aceitar essa definição usual e aceita por todos e dizer que realmente não há direção nas ações espontâneas e explicar que tais ações não são desorganizadas, da mesma forma que não são organizadas burocraticamente (a partir de uma direção) e assim nomear a realidade sob mais adequada, acaba criando uma distinção conceitual (que tenta resolver com o nome “autodireção”, que é tão problemático quanto falar em “autoburocracia”, pois são coisas antagônicas) que dá margem para confusão e deformação. Nesse sentido, a espontaneidade é algo que tem uma certa organização, também espontânea, que gera alguns organizadores no interior da coletividade, sem poder de decisão, mas tão-somente de sugestão, o que, muitas vezes, gera a aceitação coletiva. Assim, aos invés de “dirigentes anônimos”, o que temos são organizadores ocasionais.

viviam, como também, por intermédio de instrutores caídos do céu ou vindos da emigração ou da deportação^C.

[...]. Todo grupo humano é estruturado; os indivíduos não se juntam uns aos outros como frutas em um balão: 1+ 1+ 1. Obviamente, alguns são “isolados”; mas a maioria exerce uma atração (ou provocam uma repulsão). [...]. Até em uma multidão “momentânea”, os chefes surgem espontaneamente.

[...]. Acontece frequentemente que o “dirigente espontâneo”, surgido no momento de perigo, retomou pouco depois a sua condição anônima. [...]. O dirigente em uma ocasião não é, necessariamente, dirigente em todas as ocasiões, nem principalmente *separado* do grupo na qualidade de dirigente; não tem, portanto, necessidade de morrer para permanecer desconhecido^D.

^C Marx já havia colocado isso tanto no Manifesto Comunista quanto em outras obras, ao abordar a questão da autoeducação do proletariado que ocorre na luta de classes. Isso é mais compreensível ainda ao se entender o que significa “luta de classes” para Marx, o que milhares de supostos “marxistas” não entendem, reduzindo-a a lutas partidárias e sindicais. A luta de classes, para Marx, é toda luta que coloca em confronto classes sociais, desde a luta no processo de trabalho (especialmente no caso do proletariado e burguesia), passando por formas mais radicais e coletivas, como as greves e criação de formas de auto-organização e pela luta cultural, na qual todas as classes intervêm, com pesos distintos, até o momento da revolução social e destruição do aparato estatal e do capital. Ou seja, envolve não apenas duas classes isoladas fantasticamente (classe capitalista e classe proletária, pois tanto as classes auxiliares da primeira quanto as classes aliadas da segunda participam da luta), e em todos os lugares da sociedade. Indivíduos da classe intelectual e outras classes podem trazer “elementos de cultura” para o proletariado e assim contribuir com sua luta, bem como a radicalização do campesinato, lumpemproletariado, entre outras classes, também constitui outra forma de contribuição fora da luta entre as duas classes fundamentais.

^D Não deixa de ser curioso como alguns anarquistas e autonomistas, inclusive até aqueles que recusam o papel dos indivíduos na história, querem recuperar esses organizadores ocasionais (ou mesmo permanentes) atribuindo-lhes um papel dirigente ou fundamental inexistente, capitulando, assim, diante das ideologias burguesas. Sem dúvida, alguns indivíduos influenciam os processos sociais e históricos mais que outros, dependendo de múltiplas determinações (tanto do indivíduo quanto destes processos), mas a glorificação de indivíduos cujo significado em determinado processo histórico é restrito, serve apenas para marcar posição política – nem sempre ética e que efetivamente contribui com as lutas futuras – e defender interesses pessoais no interior da atual sociedade, o que é contraditório e lamentável.